

Nada mais
a perder

Nada mais a perder

JOJO MOYES

Tradução de Ana Ban



Copyright © Jojo's Mojo Ltd, 2009
Esta edição não pode ser exportada para Portugal.

TÍTULO ORIGINAL
The Horse Dancer

PREPARAÇÃO
Nina Lua

REVISÃO
Marcela de Oliveira
Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Sarah Gibb

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M899n

Moyes, Jojo, 1969-

Nada mais a perder / Jojo Moyes ; tradução de Ana Ban. – 1. ed.
– Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

400 p. ; 23 cm.
Tradução de: Horse Dancer
ISBN 978-85-8057-970-3

1. Romance inglês. I. Ban, Ana. II. Título.

16-35027

CDD: 823
CDU: 821.111-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para C, S, H e L
E para Mecca Harris

Mostre-me seu cavalo e eu lhe digo o que você é.

Antigo provérbio inglês

PRÓLOGO

A primeira coisa que ele viu foi o vestido amarelo dela, brilhando à luz que se esvaía; um facho claro na outra extremidade do estábulo. Ele parou por um instante, sem saber ao certo se podia confiar nos próprios olhos. Então ela ergueu o braço bem branco, e a cabeça elegante de Gerontius se abaixou por cima da portinhola para pegar o petisco que oferecia. Ele caminhou depressa, quase correndo, com a ponta metálica das botas estalando no piso de pedra molhado.

— Você chegou!

— Henri!

Quando ela se virou, ele já a abraçava. Ele a beijou e afundou o rosto no maravilhoso perfume do cabelo dela. O suspiro que lhe escapou parecia vindo de algum lugar dentro das botas.

— Nós chegamos hoje à tarde — contou ela com o rosto encostado no ombro dele. — Mal tive tempo de me trocar. Devo estar horrorosa... Mas eu estava na plateia e vi você pela cortina. Tinha de vir aqui lhe desejar boa sorte.

As palavras dela tinham saído embaralhadas, mas, de qualquer maneira, ele mal conseguia escutar. Estava embevecido pela pura e simples presença da garota, pela sensação de tê-la em seus braços depois da ausência de tantos meses.

— E olhe só para você!

Ela deu um passo atrás, percorrendo com o olhar do chapéu preto pontudo até a parte de baixo do imaculado uniforme dele, então tirou com a mão um fiapo imaginário dos alamares dourados. Agradecido, ele reparou na sua relutância em recolher os dedos. Ficou maravilhado por não haver mal-estar, apesar de terem se passado tantos meses. Nada de provocações. Ela era totalmente sincera; a garota de sua imaginação estava ali mais uma vez, em carne e osso.

— Você está incrível — elogiou ela.

— Eu... não posso demorar. A apresentação começa daqui a dez minutos.

— Eu sei... O Le Carrousel é muito emocionante. Nós assistimos aos motoqueiros e ao desfile de tanques. Mas vocês, Henri, vocês e os cavalos definitivamente são a maior atração. — Ela deu uma olhada atrás dele, na direção da arena. — Acho que a França inteira está aqui para ver vocês.

— Você... pegou *les billets*?

Eles se entreolharam com a testa franzida. O idioma ainda era um problema, apesar de todo o esforço dos dois.

— *Billets*... — Ele sacudiu a cabeça, irritado consigo mesmo. — Ingresso. Ingressos. Os melhores ingressos.

Ela ficou radiante, e a breve insatisfação dele evaporou.

— Ah, sim. Edith, a mãe dela e eu estamos na primeira fila. Elas mal podem esperar para ver você cavalgar. Contei tudo sobre você a elas. Estamos hospedadas no Château de Verrières. — A voz dela baixou para um sussurro, apesar de não haver ninguém por perto. — É muito grandioso. Os Wilkinson têm muito dinheiro *mesmo*. Muito mais do que nós. Foi muita gentileza deles me trazer.

Ele a observava falar, distraído pelo arco do cupido dos lábios dela. Ela estava ali. As mãos dele, cobertas pelas luvas de pelica branca, aninhavam seu rosto.

— Florence... — disse ele com um suspiro e voltando a beijá-la. O cheiro do sol permeava a pele dela, apesar de já ter anoitecido. Era inebriante, como se ela tivesse sido criada para irradiar calor. — Sinto sua falta todos os dias. Antes, não havia nada além de Le Cadre Noir. Agora... nada é bom sem você.

— Henri...

Florence acariciou a bochecha de Henri com o corpo colado ao dele. O homem quase ficou tonto.

— Lachapelle! — Ele se virou de supetão. Didier Picart estava parado próximo à cabeça de seu cavalo com o cavaleiro ao lado, preparando a sela. Estava colocando as luvas. — Talvez, se você pensasse na sua montaria tanto quanto pensa na sua vagabunda inglesa, nós conseguiríamos alguma coisa, hein?

Florence não sabia francês o suficiente para entender o que fora dito, mas percebeu a breve expressão de Picart. Henri então viu que ela adivinhara que as palavras do outro francês não tinham sido nada elogiosas.

A irritação de sempre veio à tona, e ele cerrou os dentes para se controlar. Sacudiu a cabeça para Florence, tentando indicar a estupidez e a irrelevância de Picart, que Picart vinha agindo assim, com insultos e provocações, desde a viagem à Inglaterra, quando ela e Henri se conheceram. Garotas inglesas não tinham classe, exclamara Picart no refeitório, depois do encontro; Henri sabia que o comentário havia sido dirigido a ele. Elas não sabiam se vestir. Comiam feito porcos na cocheira. Iam para a cama com qualquer um em troca de alguns francos, ou do equivalente a uma caneca daquela cerveja horrível.

Henri levava semanas para compreender que o mau humor de Picart tinha quase nada a ver com Florence e tudo a ver com sua fúria por seu lugar no Le Cadre Noir lhe ter sido roubado, por ter sido preterido pelo filho de um camponês. Não que isso tornasse mais fácil ouvir tudo aquilo.

A voz de Picart ecoou pelo pátio:

— Ouvi dizer que há quartos perto do cais Lucien Gautier. Seria um pouco mais adequado do que um estábulo, *n'est-ce pas?*

A mão de Henri apertou a de Florence. Ele tentou manter a voz calma ao retrucar:

— Mesmo que você fosse o último homem da terra, ela seria demais para você, Picart.

— Por acaso não sabe, seu camponesinho, que qualquer vagabunda fica com você se pagar o preço certo?

Picart sorriu com desdém, apoiou a bota perfeitamente engraxada no estribo e montou o cavalo. Henri passou a impressão de que ia dar um passo à frente, mas Florence o deteve.

— Querido... olhe, é melhor eu voltar para o meu lugar — disse, afastando-se. — Você precisa se preparar. — Ela hesitou, então estendeu o braço e o beijou mais uma vez, puxando-o pela nuca com a mão delicada e branca. Henri sabia o que ela estava tentando fazer: queria que ele parasse de pensar no veneno de Picart. E estava certa; era impossível sentir qualquer coisa que não alegria quando os lábios de Florence tocavam os seus. Ela sorriu. — *Bonne chance, écuyer.*

— *Écuyer!* — repetiu ele, distraído por um instante, comovido pelo fato de ela, na sua ausência, ter descoberto a palavra certa para “cavaleiro”.

— Estou aprendendo!

Ela jogou um beijo, seus olhos cheios de travessura e de promessa, e então se foi, a garota inglesa dele, correndo de volta pelo longo estábulo, com os saltos estalando no piso de pedra.

O festival militar anual Le Carrousel marcava o fim de um ano de treinamento para os jovens oficiais da cavalaria de Saumur. Como sempre, no fim de semana de julho a cidadezinha medieval se enchia de visitantes, ansiosos para ver não apenas o desfile dos jovens cavaleiros, mas também as exibições tradicionais de montaria, acrobacias em motocicletas e o desfile de tanques com as enormes carrocerias ainda marcadas pela guerra.

Era 1960. A velha guarda vacilava perante um massacre da cultura pop e das atitudes em mutação e de Johnny Hallyday, mas em Saumur havia pouca fome de mudança. A apresentação anual dos vinte e dois cavaleiros de elite franceses, alguns militares, outros civis, que formavam o Le Cadre Noir, o ápice do fim de semana do Le Carrousel, sempre bastava para garantir que os ingressos esgotassem em poucos dias, comprados pela comunidade local, por gente que se orgulhava da herança cultural da França e, em nível menos cerebral, por pessoas instigadas pelos cartazes espalhados por toda a região do Loire que prometiam “Pompa, Mistério, Cavalos que desafiam a gravidade”.

Le Cadre Noir fora criado quase duzentos e cinquenta anos antes, depois de a cavalaria francesa ter sido dizimada nas Guerras Napoleônicas. Na tentativa de reconstruir aquilo que tinha sido considerado um excelente bando de cavaleiros, foi aberta uma escola em Saumur, a cidadezinha que abrigava uma academia equestre desde o século XVI. Ali, um corpo de instrutores tinha sido formado com represen-

tantes das melhores escolas de montaria de Versailles, das Tuileries e de Saint Germain para transmitir as elevadas tradições da montaria formal a uma nova geração de oficiais, e continuou sendo assim desde então.

Com o advento dos tanques e da aparelhagem de guerra mecanizada, Le Cadre Noir enfrentava questionamentos sobre a utilidade de uma organização tão arcaica. Mas, por décadas, nenhum governo fora capaz de acabar com a instituição que, àquela altura, tinha se tornado parte do legado cultural da França. Os cavaleiros, com seu uniforme preto, tinham se transformado em ícones, e a França, com suas tradições da Académie Française, da *haute cuisine* e da *couture*, compreendia a importância da tradição. De sua parte, os cavaleiros, talvez cientes de que a melhor maneira de garantir sua sobrevivência era criando um novo papel para si mesmos, ampliaram seu escopo de ação: além de treinar homens de cavalaria, a escola abriu as portas para revelar suas habilidades raras e seus cavalos magníficos em apresentações públicas na França e no exterior.

Assim era o Le Cadre Noir em que Henri Lachapelle então se encontrava, e a apresentação daquela noite era a de maior importância simbólica no ano, na sede do grupo, uma oportunidade de mostrar aos amigos e familiares as habilidades adquiridas com tanto esforço. O ar cheirava a caramelo, vinho e busca-pés, e fazia calor com os milhares de corpos que se moviam com delicadeza. A multidão já se reunia no entorno da place du Chardonnet, no coração da École de Cavalerie, com suas construções elegantes desgastadas pelo tempo. O clima de festejos era acentuado pelo calor do verão em julho, pelo ar parado da noite e pela crescente expectativa. Crianças corriam de um lado para outro com balões ou palitos de algodão-doce; os pais se perdiam nos aglomerados que examinavam as barraquinhas vendendo cata-ventos de papel e espumante, ou apenas caminhavam em grupos que, às risadas, atravessavam a grande ponte até os cafés na calçada do lado norte. Enquanto isso, um bochicho baixo de empolgação emanava das pessoas que já tinham ocupado seus assentos ao redor do Grand Manège, a ampla arena de areia da apresentação pública, e agora se agitavam, impacientes, abanando-se com leques e transpirando à luz que ia enfraquecendo.

— *Attends!*

Henri, ao ouvir o pedido de atenção, conferiu a sela e a rédea, perguntou ao *dresseur* pela décima quinta vez se o uniforme dele estava direito e então afagou o focinho de Gerontius, seu cavalo, admirando as trancinhas minúsculas e com fitas que o cavaliário tinha feito na crina do animal, balbuciando elogios e palavras de incentivo nas orelhas aparadas com elegância. Gerontius tinha dezessete anos — idade avançada para os padrões da academia — e logo seria aposentado. Era a montaria de Henri desde a chegada dele ao Le Cadre Noir, três anos antes, e uma conexão instantânea e passional se formara entre os dois. Ali, no confina-

mento dos muros antigos da escola, não era incomum ver rapazes beijando o focinho dos cavalos e murmurando palavras afetuosas que teriam vergonha de declamar a uma mulher.

— *Vous êtes prêt?* — Le Grand Dieu, o cavaleiro-mestre, dirigia-se ao centro da arena de preparação, seguido por um cortejo de *écuyers*, com seu uniforme dourado e o quepe que o distinguiam como o membro mais importante entre os praticantes da escola. Ele se colocou na frente dos jovens cavaleiros e de seus cavalos irrequeitados. — Como sabem, este é o ponto alto do nosso ano. A cerimônia remonta a mais de cento e trinta anos, e as tradições da nossa escola, de muitos anos antes disso, até o tempo de Xenofonte e a era dos gregos. Tanta coisa no mundo de hoje parece estar relacionada à necessidade de mudança, ou a jogar fora os métodos tradicionais em busca do que é gratuito ou fácil. Le Cadre Noir acredita que ainda há lugar para uma *élite*, para a busca da excelência acima de tudo. Esta noite vocês são embaixadores, demonstrando que a verdadeira graça e a verdadeira beleza só podem ser resultado de disciplina, paciência, solidariedade e abnegação. — Ele olhou ao redor e continuou: — A nossa arte é do tipo que desaparece no momento em que é criada. Vamos fazer com que o povo de Saumur se sinta privilegiado por testemunhar tal espetáculo.

Ouviu-se um murmúrio de aprovação, então os homens montaram os cavalos, alguns ajeitaram o chapéu ou esfregaram marcas inexistentes nas botas — pequenos gestos para dispersar a ansiedade que tomava conta deles.

— Está pronto, Lachapelle? Não está muito nervoso?

— Não, senhor.

Henri permaneceu ereto, sentindo os olhos do homem mais velho passear por todo o seu uniforme, em busca de qualquer mácula à perfeição. Ele tinha consciência de que a calma ensaiada era traída pelo suor que escorria das têmporas até a gola chinesa engomada.

— Não é vergonha nenhuma sentir um pouco de adrenalina no primeiro Le Carrousel de que se participa — disse ele, acariciando o pescoço de Gerontius. — Este velho ajudante vai garantir que tudo dê certo. Então, você fará o *capriole* na apresentação da segunda equipe. Depois, montado no Phantasme, o *croupade*. *D'accord?*

— Sim, senhor.

Ele sabia que os *maîtres écuyers* não tinham sido unânimes quanto a dar a ele um papel de tamanho destaque na apresentação anual, tendo em vista seu histórico dos últimos meses, as discussões, a clara e catastrófica falta de disciplina dele... O cavaliário de Henri tinha lhe contado o que fora dito na sala dos arreios: que a rebeldia dele quase tinha lhe custado seu lugar no Le Cadre Noir.

Ele não tentara se defender. Como poderia explicar a eles a mudança sísmica que tinha ocorrido dentro de si? Como poderia explicar que, para um homem que

nunca escutara uma única palavra afetuosa, nem sentido um toque suave, a voz, a gentileza, os seios, o perfume e o cabelo dela tinham se revelado não apenas uma distração, mas uma obsessão muito mais forte do que um tratado intelectual sobre os mínimos detalhes do ofício de cavaleiro?

A infância de Henri Lachapelle fora um mundo de caos e desordem dominado pelo pai. Refinamento era uma garrafa de vinho de dois francos, e qualquer tentativa de aprendizado era recebida com menosprezo. Entrar para a cavalaria tinha lhe oferecido algo a que se apegar, e a progressão dele nas fileiras até ser recomendado para uma das raras posições no Le Cadre Noir parecera o auge do que qualquer homem poderia esperar da vida. Aos vinte e cinco anos, ele se sentia em casa pela primeira vez.

O talento dele era prodigioso. Os anos passados na fazenda tinham lhe dado uma rara capacidade para o trabalho árduo. Ele possuía aptidão para lidar com cavalos difíceis. Havia uma conversa de que ele talvez pudesse se tornar um *mâitre écuyer* — em momentos mais fantasiosos, até um Grand Dieu. Ele então estava certo de que o rigor, a disciplina, o puro prazer e a satisfação do aprendizado seriam o suficiente para o resto de seus dias.

E então Florence Jacobs, de Clerkenwell, Londres, que nem sequer gostava de cavalos, mas tinha ganhado um ingresso para a apresentação da escola de hipismo francesa na Inglaterra, havia acabado com toda a sua paz de espírito, sua determinação, sua paciência. Bem mais tarde, com o tipo de perspectiva que só se adquire com a experiência, ele teria dito a seu eu mais jovem que tal paixão só se esperava do primeiro amor, que sentimentos assim tão cataclísmicos iriam se atenuar e talvez até desaparecer. Mas Henri, um homem solitário com poucos amigos que pudessem oferecer conselhos assim tão sábios, só sabia que não conseguiu pensar em mais nada desde o momento em que reparou na moça de cabelo escuro que assistiu às três noites de apresentação da lateral da arena com os olhos arregalados. Ele tinha ido falar com ela depois do espetáculo, sem nem sequer ter certeza do que o levava a fazer isso e desde então cada minuto passado sem ela parecia uma irritação ou, pior, um abismo sem fim e sem sentido. E, com isso, como ficava todo o resto?

A concentração dele desapareceu quase da noite para o dia. Ao voltar para a França, ele começou a questionar a doutrina, passou a se irritar com os mínimos detalhes que considerava irrelevantes. Acusou Devaux, um dos *mâîtres écuyers* seniores, de estar “preso ao passado”. Só quando faltou à terceira sessão de treino seguida, e seu cavaliário avisou-lhe que seria dispensando, foi que Henri percebeu que precisava tomar jeito. Estudou Xenofonte, debruçou-se sobre suas obras. Tomou cuidado com o asseio. Ele se sentia seguro pelas cartas cada vez mais frequentes de Florence, com a promessa dela de que iria à França para vê-lo no verão. Alguns meses depois, talvez como recompensa, ele recebeu o papel principal em Le

Carrousel: fazer o *croupade*, um dos movimentos mais difíceis que um cavaleiro poderia tentar, preterindo Picart e deixando o rapaz privilegiado ainda mais injuriado, seja lá quais fossem seus motivos anteriores.

O Grand Dieu montou seu cavalo, um garanhão português robusto, e deu dois passos elegantes para perto dele.

— Não me decepcione, Lachapelle. Vamos tratar esta noite como se fosse um recomeço.

Henri assentiu, silenciado por um ataque de nervos repentino. Ele montou o cavalo, pegou as rédeas, conferiu se o chapéu de pontas estava bem ajustado na cabeça. Escutava o murmúrio da multidão, o burburinho abafado e cheio de expectativa enquanto a orquestra tocava algumas notas introdutórias, o tipo de silêncio pesado que só pode ser criado por mil pessoas assistindo a algo com atenção. Ele mal notou os votos de boa sorte murmurados entre os companheiros e então já estava conduzindo Gerontius para seu lugar, no meio da perfeita fila militar de cavalos reluzentes com a crina trançada. A montaria de Henri esperava ansiosa o primeiro comando dele quando a cortina vermelha pesada foi puxada, convidando-os a entrar na arena iluminada por holofotes.

Apesar da aparência calma e organizada dos vinte e dois cavaleiros, da natureza graciosa de suas apresentações públicas, a vida no Le Cadre Noir era cheia de proações físicas e intelectuais. Dia após dia, Henri Lachapelle ficava exausto, quase reduzido a lágrimas de frustração devido às infinitas correções dos *mâîtres écuyers*, a sua aparente incapacidade de convencer os enormes e hipersensíveis cavalos a executar os “ares acima do solo” de acordo com os padrões específicos. Embora não pudesse provar, ele percebia um preconceito palpável contra quem tinha entrado na escola de elite vindo do Exército, como era o caso dele, e não das competições de hipismo civil, não como parte da alta classe da sociedade francesa que sempre tivera o luxo combinado de ter bons cavalos à disposição e tempo para refinar suas habilidades. Em teoria, todos eram iguais no Le Cadre Noir, separados apenas pela destreza em cima do cavalo. Henri tinha consciência de que o igualitarismo não ia além dos uniformes de sarja.

No entanto, devagar e de modo contínuo, trabalhando das seis da manhã até tarde da noite, o camponês de Tours tinha construído a reputação de ser dedicado e hábil em se comunicar com os cavalos mais difíceis. Como os *mâîtres écuyers* observavam de baixo de seus chapéus pretos, Henri Lachapelle tinha um “jeito tranquilo”. Ele era *sympathique*. Foi por essa razão que, além de seu adorado Gerontius, ele tinha sido alocado a Phantasme, o jovem cavalo castrado cinza-chumbo e explosivo, que por qualquer motivo tinha um comportamento catastrófico. Henri passara a semana toda com uma ansiedade disfarçada em relação a

colocar Phantasme em tal papel. Mas, ali, sob o olhar da multidão, a beleza musical das cordas enchendo seus ouvidos, o ritmo contínuo dos passos de Gerontius embaixo de si, ele de repente sentiu, nas palavras de Xenofonte, que era de fato um “homem com asas”. Ele sentia o olhar admirado de Florence e sabia que mais tarde seus lábios tocariam a pele dela, por isso cavalgou com mais sagacidade e elegância, com uma leveza que fez o cavalo veterano se exibir, com as orelhas asseadas se inclinando para a frente de prazer. *Nasci para isso*, pensou, cheio de gratidão. *Tudo de que preciso está aqui*. Viu as chamas das tochas tremeluzindo nas paredes das pilastras antigas, ouviu as batidas ritmadas dos cascos dos cavalos ao entrarem bem organizados em uma fila, um atrás do outro, ao redor dele. Seguiu a meio-galope na formação ao redor do grande picadeiro, perdido no momento, ciente apenas do cavalo que se movia com tanta beleza embaixo dele, agitando os cascos de um jeito que fez Henri ter vontade de rir. O cavalo velho estava se exibindo.

— Aprume as costas, Lachapelle. Está montado feito um camponês. — Ele piscou, deu uma olhada em Picart, que se aproximava, cavalgando a seu lado, e passou por ele ombro a ombro. — Por que está tão agitado? A sua vagabunda passou sarna para você? — sibilou, bem baixinho.

Henri fez menção de retrucar, mas deteve-se quando Le Grand Dieu gritou:

— *Levade!*

Em uma fileira, os cavaleiros fizeram os animais se erguerem nas patas traseiras e receberam uma salva de palmas.

Quando as patas da frente dos cavalos tocaram o chão, Picart se virou para o outro lado, mas a voz dele continuava clara e audível.

— Ela também trepa igual a uma camponesa?

Henri mordeu os lábios por dentro, forçando-se a manter a calma para não deixar a irritação passar pelas rédeas e contaminar seu cavalo dócil. Ele ouvia o locutor explicando os aspectos técnicos dos movimentos dos cavaleiros e tentou domar seus pensamentos, para deixar as ordens fluírem dentro de si. Em silêncio, repetiu as palavras de Xenofonte: “A raiva mina a eficiência da comunicação com o seu cavalo.” Ele não permitiria que Picart destruísse aquela noite.

— *Mesdames et messieurs*, agora, no centro da arena, verão Monsieur de Cordon fazendo a *levade*. Vejam como o cavalo se equilibra nas patas traseiras no ângulo exato de quarenta e cinco graus.

Henri estava levemente ciente do cavalo negro que empinava em algum lugar atrás dele, do súbito arroubo de aplausos. Ele se forçou a se concentrar, a manter a atenção de Gerontius. Mas não parava de pensar na expressão de Florence quando Picart tinha berrado suas obscenidades perto dela, a ansiedade que tinha tomado conta de seu rosto. E se ela soubesse mais francês do que deixava transparecer?

— E agora verão Gerontius, um dos nossos cavalos mais velhos, fazendo a *capriole*. Este é um dos movimentos que exigem mais talento, tanto do cavalo quanto do cavaleiro. O cavalo salta e dá um coice com as quatro patas no ar.

Henri fez Gerontius desacelerar, combinando a resistência das mãos com um comando rápido das esporas. Sentiu o animal começar a sacudir, fazendo o *terre à terre*, o movimento de cavalinho de balanço parado que concentraria a força sob ele. *Vou mostrar a todos*, pensou, e depois: *Vou mostrar a ele*.

Tudo o mais desapareceu. Eram só ele e o velho cavalo corajoso, a força que aumentava embaixo dele. E então, gritando de “*Derrière!*”, ele levou a mão com o chicote para a traseira do cavalo, com as esporas fincadas na barriga do animal, e Gerontius pulou no ar estendendo as patas traseiras atrás de si. Henri notou um espocar repentino de flashes, um enorme *uaaaaau* estereofônico de encantamento, aplausos, e então ele seguiu a meio-galope na direção da cortina vermelha, levando consigo um vislumbre de Florence, que o aplaudira de pé, com um enorme sorriso de orgulho.

— *Bon! C’était bon!*

Ele já estava apeando de Gerontius, esfregando o ombro do cavalo, e o *dresseur* já o levava embora. Henri tinha uma vaga consciência de algumas exclamações de aprovação, depois da mudança de ritmo da música na arena, um vislumbre através da cortina vermelha e dois outros *écuyers* fazendo a própria apresentação a pé, controlando os cavalos por duas rédeas compridas.

— Phantasme está muito nervoso. — O cavalição tinha aparecido ao lado dele, com as sobranceiras pretas e grossas juntas em sinal de preocupação. Ele deu uma chicotada no cavalo cinzento, que fez uma volta ao redor deles. — Cuidado, Henri.

— Ele vai conseguir — disse Henri, sem se incomodar e levantando o chapéu para secar o suor da testa.

O cavalição entregou as rédeas para o cavaleiro que esperava ao lado dele e então se virou para Henri e tirou seu chapéu. O próximo movimento era feito com a cabeça descoberta para não haver risco de se distrair com um chapéu escorregando, mas aquilo sempre fazia Henri se sentir estranhamente vulnerável.

Ele observou o cavalo cinzento como o metal de uma arma cavalgar pela arena à sua frente, com o pescoço já escuro de suor, e um homem de cada lado.

— *Vá. Agora. Vá.*

O *dresseur* esfregou as costas da jaqueta dele com força e então o empurrou para a arena. Três *écuyers* rodearam o cavalo, um de cada lado da cabeça, outro na traseira.

Ele foi para baixo das luzes, de repente desejando que, como eles, tivesse a presença de um cavalo como âncora a que se agarrar.

— *Bonne chance!* — Ele ouviu a voz do cavaleiro antes de ela ser engolida pelos aplausos.

— *Mesdames et messieurs, voilà La Croupade*, que se originou na cavalaria do século XVIII, quando conseguir permanecer na sela era considerado um teste das habilidades de um integrante dessa tropa. Pode levar de quatro a cinco anos para dominar estes movimentos. Monsieur Lachapelle montará Phantasme sem rédeas nem estribos. Este movimento, que remonta ao tempo dos gregos, é ainda mais difícil para o cavaleiro do que para o cavalo. Trata-se de uma versão mais elegante do rodeio, se assim preferirem.

Ouviu-se uma grande onda de risos. Henri, meio cego por causa dos holofotes, deu uma olhada em Phantasme; o olho esbranquiçado do animal revirava com uma mistura de nervosismo e fúria mal contida. Cavalo naturalmente acrobático, ele não gostava de ser segurado com tanta firmeza na cabeça, e o barulho, os sons e os cheiros do Le Carrousel pareciam ter exacerbado seu mau humor.

Henri tocou o ombro tenso do cavalo.

— Sshhiii — murmurou. — Está tudo bem. Está tudo bem.

Deu uma olhada nos breves sorrisos de Duchamp e Varjus, os dois homens ao lado da cabeça de Phantasme. Ambos eram cavaleiros eficientes, rápidos na reação às variações de humor mercuriais dos cavalos.

— Bem acomodado, hein? — comentou Varjus, sorrindo, ao lhe oferecer apoio para o pé. — *Un, deux, trois... hup*.

O cavalo irradiava tensão. Isso é bom, disse Henri a si mesmo e se ajustou no lombo do animal. A adrenalina vai lhe dar mais altivez. Vai ficar mais bonito para o público, para Le Grand Dieu. Ele se forçou a respirar fundo. Foi então, quando cruzou as mãos na lombar, na posição de passividade tradicional que sempre o fazia pensar com desconforto em um prisioneiro, que Henri olhou para o lado e percebeu quem estava na traseira de Phantasme.

— Vamos ver que tipo de cavaleiro você é de verdade, hein, Lachapelle? — provocou Picart.

Henri não teve tempo de responder. Esticou as pernas o máximo possível, apertando as mãos enluvadas às costas. Ouviu o locutor dizer mais alguma coisa e sentiu o clima de expectativa na arena.

— *Attends*. — Varjus olhou para trás. O *terre à terre* ia aumentando embaixo de Henri. — *Un, deux, derrière!*

Ele sentiu o cavalo ganhando impulso, ouviu um estalido repentino quando o chicote de Picart atingiu os flancos do animal. Phantasme deu um coice, lançando o traseiro para o alto, e Henri foi jogado para a frente com tanta força que mal conseguiu manter as mãos unidas atrás de si. O cavalo se aquietou e ouviu-se uma explosão de aplauso.

— Nada mal, Lachapelle. — Henri escutou Varjus balbuciar, apoiado no peito de Phantasme.

E então, de repente, antes que Henri tivesse tempo de se preparar, ouviu mais um grito “*Derrière!*”. As patas de Phantasme o lançaram para cima e para a frente, mas dessa vez Henri abriu os braços para tentar manter o equilíbrio.

— Não tão rápido, Picart. Assim vai desestabilizá-lo.

Desorientado, Henri ouviu a voz irritada de Varjus, o guincho mal contido do cavalo enquanto se preparava para saltar de novo.

— Dois segundos. Preciso de dois segundos — balbuciou Henri, tentando se ajeitar.

Mas, antes que pudesse se recompor, ouviu outro estalido. O chicote desceu forte, bem do alto, e dessa vez o coice do cavalo foi violento. Henri foi jogado para a frente mais uma vez a uma distância abrupta e desconcertante entre si e o lombo do animal.

Phantasme naquele momento se jogava de lado, furioso, e os homens se esforçavam para segurar sua cabeça. Varjus sibilou algo que Henri não conseguiu escutar. Estavam perto da cortina vermelha. Ele deu uma olhada em Florence, com seu vestido amarelo, percebeu sua confusão e preocupação. E então:

— *Enfin! Derrière!*

Antes que pudesse se reposicionar, ele ouviu mais um estalo alto atrás de si. Foi lançado para a frente outra vez, com as costas viradas, e Phantasme, enfurecido pelo uso desregrado do chicote, saltou para a frente e para o lado bem no momento em que Henri enfim perdeu o equilíbrio. Foi parar em cima da crina trançada do cavalo, ficou de ponta-cabeça, tentando se segurar no pescoço de Phantasme, quando o cavalo deu mais um coice e ele atingiu o chão (com um *uou* audível).

Henri ficou estirado ali, pouco ciente da comoção na arena: Varjus xingando, Picart reclamando, o locutor rindo. Quando ergueu a cabeça da areia, mal pôde distinguir as palavras:

— Então é isso. Um movimento muito difícil de manter. Mais sorte no ano que vem, Monsieur Lachapelle, hein? Sabem, *mesdames et messieurs*, às vezes são necessários muitos anos de prática para alcançar os altíssimos padrões dos *mâîtres écuyers*.

Henri ouviu *un, deux, trois* e Varjus estava ao seu lado, sibilando *remonte, remonte*. Olhou para baixo e percebeu seu imaculado uniforme preto estava coberto de areia. Então estava em cima do cavalo, com mãos em suas pernas, em seus pés, e deixaram a arena sob aplausos de solidariedade. Foi o som mais dolorido que ele ouviu na vida.

Estava atordoado com o choque. À sua frente, reparou que Varjus e Picart discutiam em voz baixa e mal conseguia escutar por cima do rugido do sangue nos ouvidos.

— O que foi aquilo? — Varjus sacudia a cabeça. — Ninguém nunca caiu durante a *croupade*. Você nos deixou parecendo idiotas.

Levou um minuto para Henri perceber que Varjus se dirigia a Picart.

— Não é culpa minha se a única coisa que Lachapelle sabe montar é a vagabunda inglesa.

Henri apeou do cavalo e foi até Picart, com um zumbido nos ouvidos. Não tomou consciência do primeiro soco, só do som de algo se quebrando quando o punho fechado encontrou os dentes do homem, acompanhado por uma sensação quase satisfatória, um conhecimento físico de que algo havia se despedaçado muito antes de a dor suscitar a possibilidade de que pudesse ter sido a mão dele. Cavalos relinchavam e saltavam. Homens gritavam. Picart estava estatelado na areia, a mão pressionando contra o rosto, os olhos arregalados de espanto. Então ele se levantou com dificuldade, jogou-se para cima de Henri e deu uma cabeçada no peito dele, deixando-o sem fôlego. Foi um golpe que poderia ter derrubado um homem maior, e Henri só media um metro e setenta e sete de altura, mas a vantagem era que tinha levado muitas surras na infância, além dos seis anos na Guarda Nacional. Em poucos segundos, ele estava em cima de Picart, com os punhos voando para o rosto, as bochechas e o peito do rapaz mais jovem, despejando toda a raiva contida dos últimos meses.

O punho dele acertou algo duro e quebrado. Fechou o olho esquerdo quando um golpe maldoso o atingiu. Havia areia em sua boca. E então mãos o arrastavam, acertando-o; vozes davam bronca, exaltadas e descrentes.

— Picart! Lachapelle!

Quando sua visão se turvou e depois clareou, ele se levantou, cuspidando e cambaleando, mãos agarrando seus braços, os ouvidos ainda cheios do adágio de cordas que vinha de trás da cortina. Le Grand Dieu estava em pé diante dele, o rosto vermelho de raiva.

— *Que. Diabo. É. Isto?*

Henri sacudiu a cabeça e então reparou no sangue respingando.

— Senhor... — Ele arfava, só agora se dando conta da magnitude de seu erro.

— Le Carrousel! — sibilou Le Grand Dieu. — O epítome da graça e da dignidade. *Da disciplina*. Onde está o seu autocontrole? Vocês dois nos envergonharam. Voltem para o estábulo. Eu tenho uma apresentação a terminar.

Ele montou o cavalo quando Picart passou mancando, pressionando um lenço no rosto pálido. Henri o observou enquanto ele se afastava. Aos poucos, deu-se conta de que a arena além da cortina estava estranhamente quieta. Eles tinham visto, percebeu com pavor. Eles sabiam.

— Dois caminhos. — Le Grand Dieu olhou para ele do alto do garanhão português. — Dois caminhos, Lachapelle. Eu lhe disse da última vez. A escolha era sua.

— Eu não posso... — começou Henri.

Mas Le Grand Dieu já tinha partido em direção aos holofotes.

